

No clima de júbilo geral, comunica-se Nuno, o orientador desencarnado. Controlando o médium, saúda os amigos.

Complacente, otimista, explana, fraterno, sobre os méritos do trabalho. Quando está prestes a despedir-se, João Marques arrisca:

— Meu amigo, julga que me conduzi a contento na palestra?

— Como não? — replica, soridente, o instrutor. — Você estava muito bem inspirado, feliz.

— E não tem algum apontamento a dizer?

O benfeitor pareceu refletir um minuto e concluiu:

— Marques, já que você faz questão do apontamento, não posso omiti-lo. Você falou sobre a tolerância, brilhantemente. Mas pensemos um pouco. Se não podemos suportar pobre borboleta a nos beijar respeitosamente a testa, como suportaremos as pancadas justas da vida?



O conto da mosca

— A impaciência é vício grave. Falta de caridade para consigo mesmo. Por isso, afirmava Jesus: bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra. Isso quer dizer que o homem sereno desfruta o privilégio de mais extensa vida no corpo.

Jerônimo, o benfeitor espiritual, falava pelo médium, com grande acerto. E continuava:

— O suicídio indireto é, muitas vezes, praticado pelos cultores da intemperança mental. Em muitas ocasiões, basta um momento de indisciplina e a morte surge por nonadas.

A sessão terminou e todos exaltaram a excelência dos conceitos ouvidos. E Fraga, o contador de vários estabelecimentos comerciais, coçando nervosamente a cabeça, exclamou risonho:

— Tão bons conselhos! Tão bons conselhos!

No outro dia, porém, o mesmo Fraga,

entre os livros do escritório, no calor da tarde, via-se atarantado. Leve mosca zombava dele, procurando-lhe a calva. O zeloso contador tentava alcançá-la com um tabefe, aqui e ali, mas nada... A maneira da personagem de Fedro, castigava improficiamente a si mesmo. Sentindo que ela se alojava, provavelmente pela vigésima vez, entre os seus raros cabelos, bateu fortemente no próprio crânio. A pancada, no entanto, fê-lo cair. Socorro. Aflição. Ocorreu a ruptura de vaso importante no cérebro, e Fraga, em poucas horas, se viu desencarnado.

Quando acordou, espantado, no regaço do piedoso Jerônimo, ao conhecer a própria situação, gritou, afobado:

— E agora, meu Deus? Que fazer?

O amigo espiritual, todavia, informou calmamente:

— Você já se encontra fora do corpo de carne há dois meses, mas apenas agora toma acordo de si. Já estudámos seu caso. Você estava avisado quanto aos perigos da impaciência e caiu, mesmo assim, no *conto da mosca*. Suicídio indireto, meu caro, suicídio sem nenhuma razão de ser. E você ainda dispunha de onze anos pela frente para trabalhar junto dos homens.

— E agora? Que faço?

O benfeitor espraiou o olhar pela casa de

socorro terrestre em que se achavam e esclareceu:

— Já expliquei o problema aos nossos Maiores. Pela vida correta que você levou, decerto não merece o pavor das regiões abismais. Mas também não está habilitado para subir. Ficará aqui mesmo.

— Aqui, onde? — indagou Fraga, assombrado.

— No hospital onde estamos.

— Com que fim?

— Ajudando aos enfermos...

— E fazendo o quê?

Sem sorrir, Jerônimo explicou simplesmente:

— Aprendendo a ter paciência, você ficará durante algum tempo a espantar moscas...

